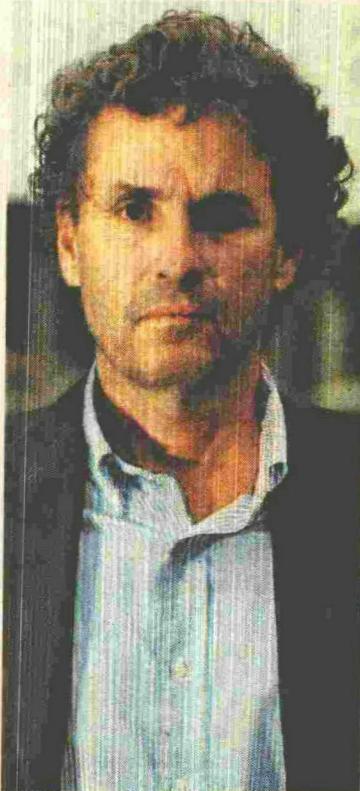


Pg 956.

Fernando Souza



ARMANDO CASTELAR

Economista do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV)

"O governo tem o desafio de seguir a inflação, mas a política monetária ainda é muito expansionista. É difícil imaginar como a inflação irá cair. O câmbio terá impacto inflacionário maior dessa vez do que no passado.

Houve uma mudança importante nos fundamentos externos. Houve um agravamento maior do resultado em conta corrente. Essa situação deve piorar com a China perdendo dinamismo. O cenário está ainda mais sério. Conforme a crise internacional toma novos contornos, a economia brasileira sofre os efeitos.

Os juros reais estão mais altos e o câmbio, mais desvalorizado. E é bom que fique. Assim, os preços dos bens comercializáveis sobem. Não vejo sinais de uma mudança muita grande. Toda a política macroeconómica ainda é muito expansionista.

Na indústria, a alta do dólar irá encarecer o investimento em máquinas e equipamentos, em grande parte importada, o que pode ser considerado um fator negativo. Mas, em compensação, com menos competição estrangeira, a indústria poderá aumentar os preços e recuperar as margens."

“

A política monetária ainda é muito expansionista. É difícil imaginar como a inflação irá cair”

MÔNICA DE BOLLE

Diretora da Casa das Garças e sócia da Galant Consultoria

"As declarações do Fed não me surpreenderam em nada. O Bernanke deu uma sinalização coerente. Continuou na mesma toada, uma indicação de que o mercado mudou. Isso traz repercussão em todas as moedas, principalmente, nas mais frágeis.

O quadro macroeconómico brasileiro está ruim. Não está péssimo, como alguns colocam. Mas está ruim. Vem em uma trajetória de deterioração e o mercado de trabalho já sente o efeito.

Um fator imponderável são as manifestações. O ambiente é mais turbulento e incerto, o que compromete ainda mais a perspectiva de investimento.

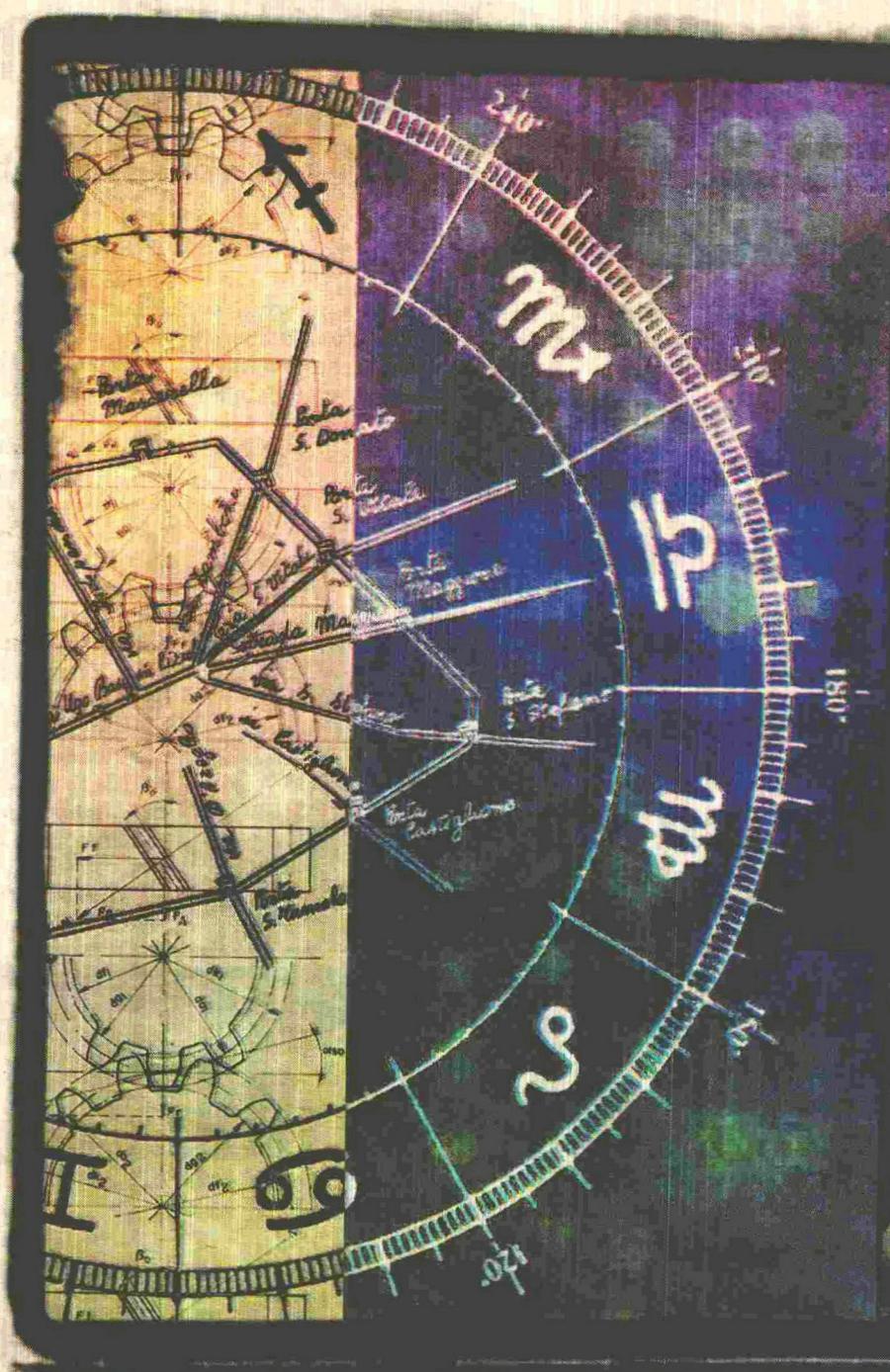
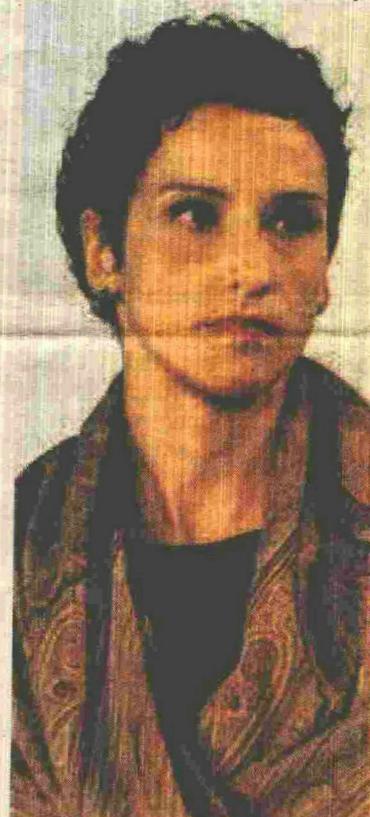
Há uma insegurança maior do investidor. O que a gente pode vir a acontecer é uma leniência fiscal. O jeito de conter demandas populares é aumentando os gastos.

O ônus vai recarregar totalmente sobre o Banco Central, que terá que combater a inflação e ainda gastar reservas para administrar o câmbio. Para quem tem uma visão mais técnica, a sensação é de perplexidade e a opção é por não se precipitar para dizer se a economia vai para esse lado ou para o outro."

“

Um fator imponderável são as manifestações. O ambiente é mais turbulento e incerto, o que compromete ainda mais o investimento”

Fotos Reprodução



Incerteza que vem das ruas interrompe as projeções

Especialistas estão perplexos e sem apostas no direcionamento macroeconómico, diante das mudanças no mercado internacional, do quadro económico do país e do rumo político após as manifestações nas ruas.

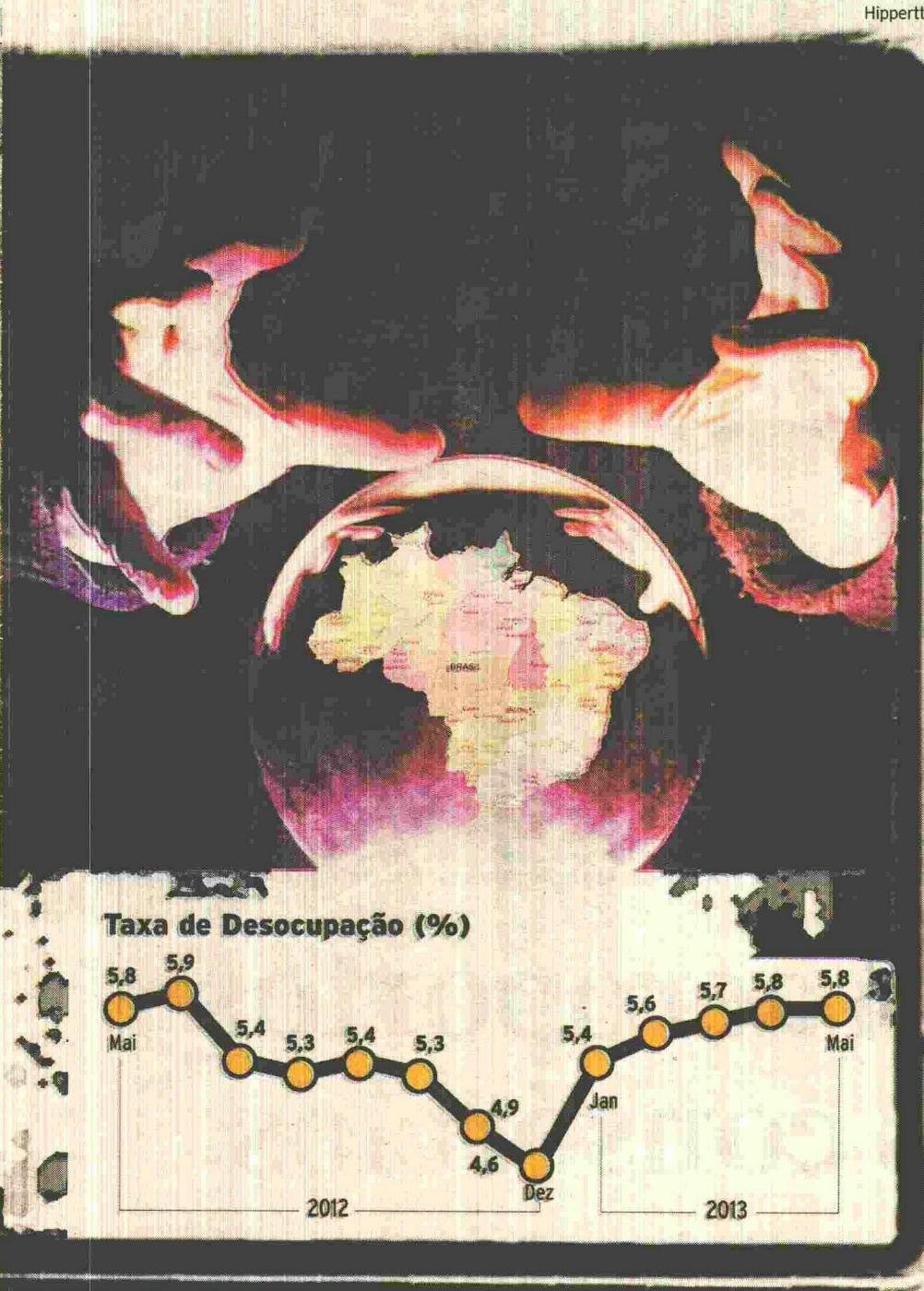


Antônio Cruz/ABr

MINISTÉRIO PÚBLICO

Henrique Alves adia votação da PEC 37

O presidente da Câmara, deputado Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), adiou a votação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 37, que limita o poder de investigação do Ministério Público. A votação seria no dia 26, mas, segundo Alves, falta consenso sobre o texto proposto. A PEC 37 é um dos temas das manifestações em várias cidades do país, que pedem a rejeição da matéria. ABr

**Fernanda Nunes**

fernanda.nunes@brasilconomico.com.br

Os economistas suspenderam suas projeções após os acontecimentos recentes nas ruas. Crescimento da atividade, inflação e apostas na condução da taxa básica de juros pelo Banco Central tornaram-se "imponíveis" no curto prazo, diz a diretora da Casa das Garças e sócia da Galanto Consultoria, Mônica de Bolle.

Diante da insatisfação popular e da resposta do governo com o aumento dos gastos públicos, da inflação oscilando no teto da meta de 6,5% e da valorização cambial, especialistas em macroeconomia entrevistados pelo **Brasil Econômico** disseram que preferem aguardar a condução dos fatos para retomar suas projeções.

Mesmo o mercado de trabalho, que heróicamente sustenta a economia há meses, em maio, deu sinais de uma possível perda de fôlego, revelou a última Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A taxa de desemprego parou de cair e estacionou em 5,8%, mesmo índice de abril e superior ao patamar de dezembro de 2012, de 4,6%. "O ritmo de queda da taxa de desemprego dei-

xa muito a desejar entre 2012 e 2013, em relação à evolução de 2011 a 2012", ressalta o gerente da pesquisa, Cimar Azeredo.

Preocupa também a desaceleração do nível de ocupação, de 54,2% para 53,8%, comparando os meses de maio do ano passado e de 2013, respectivamente. Isso indica que há mais pessoas procurando emprego do que vagas criadas. E mesmo o rendimento, responsável por manter o consumo em níveis elevados até então, caiu 0,3% ante o mês anterior.

A sinalização positiva parte da indústria paulista, que contratou 3,6% a mais do que no ano passado e 2,2% frente a abril. E, com a valorização do câmbio, melhoraram também as perspectivas para os fabricantes nacionais.

Ainda assim, não é simples a agenda da equipe econômica. "Os países emergentes, inclusive o Brasil, foram pegos no contrapé", avalia o presidente da Inter.B Consultoria Internacional de Negócios, Cláudio Frischak, ao comentar o anúncio do presidente do Federal Reserve (Fed), Ben Bernanke, de que os Estados Unidos irão atuar para atrair capitais até então investidos em mercados emergentes. "Agora, está todo mundo refazendo as contas", afirma Frischak.

Hippert

**CLEMENTE GANZ LÚCIO**

Diretor técnico do Dieese

"Existe uma relação direta entre a dinâmica econômica e o mercado de trabalho. Atualmente, percebemos uma perda de vitalidade do mercado de trabalho, decorrente de uma dinâmica mais fraca da atividade.

A expectativa é de que a dinâmica seja retomada, especialmente, na indústria, com o investimento. Isso poderá ter, a médio prazo, reflexos no emprego. Ainda assim, mesmo com a economia crescendo, a vitalidade é menor.

O câmbio é favorável para a indústria. Estimula a exportação e a produção no mercado interno. Torna mais competitivo, por exemplo, o fabricante de calçados, de vestuário. Não dá para a gente continuar importando tudo da China. O problema é a pressão inflacionária, que torna a administração da economia mais complexa. A agenda é pesada.

Há um movimento forte demandando a alta dos juros, por parte daqueles que ganham com a remuneração do título da dívida pública.

Por enquanto, o que observamos é que o mercado de trabalho reflete 2012, retardando o processo de contratação."

CLAUDIO FRISCHTAK

Presidente da Inter.B Consultoria Internacional de Negócios

"Ninguém sabe exatamente o que acontecerá com a economia. Em certa medida, o governo brincou com fogo, tanto do ponto de vista monetário, quanto fiscal. E, por conta da pressão dos preços, há um impacto político. Acharam que apenas com palavras seriam capazes de mexer com as expectativas. O problema é que isso só é possível em um cenário real, que contribui nesse sentido.

Houve uma leitura ruim da inflação pelo Banco Central, que não soube dar uma resposta efetiva no lado da oferta para uma pressão da demanda, principalmente, de serviços, setor que não compete com importações. Também houve uma irresponsabilidade fiscal, um expansionismo a todo custo. O Brasil entra em uma fase de turbulência com uma política fiscal irresponsável.

O Banco Central será obrigado a elevar a Selic em patamares superiores. Antes, a aposta era em altas consecutivas de 0,50 (ponto porcentual), 0,25 pp e 0,25 pp. Mas, agora, ninguém sabe aonde o dólar vai chegar. É possível pensar em uma alta (da taxa básica de juros) (atualmente em 8%) em 1,00 pp já na próxima reunião."

“

A expectativa é que a dinâmica seja retomada com o investimento, especialmente na indústria



“

O Brasil entra em uma fase de turbulência com uma política fiscal irresponsável. Houve um expansionismo a todo o custo